

FONTES DE EVIDÊNCIAS EM ESTUDOS DE CASO PUBLICADOS NO ENANPAD DE 2005 A 2014

DATA COLLECTION TECHNIQUES IN CASE STUDIES PUBLISHED IN ENANPAD FROM 2005 TO 2014

FUENTES DE EVIDENCIAS EN ESTUDIOS DE CASO PUBLICADOS EN EL ENANPAD DE 2005 HASTA 2014

Alice Munz Fernandes

Mestranda em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Telefone: (54) 3218-2011. E-mail: alicemunz@gmail.com

Eduardo Dieter

Mestrando em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Telefone: (54) 3027-1300. E-mail: eduardo@imofar.com.br

Juliano Uecker de Lima

Mestrando em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Professor no Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai, Faculdade IDEAU

Telefone: (54) 3536-4404. E-mail: juliano@focusmarketing.net.br

Michel Gehlen Bassani

Mestrando em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Professor tutor na Universidade Norte do Paraná (UNOPAR)

Telefone: (54) 3218-2011. E-mail: michelgbassani@gmail.com

Thiago André Finimundi

Mestrando em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Professor na Faculdade de Integração do Ensino Superior do Cone Sul (FISUL)

Telefone: (54) 3238-8000. E-mail: tafinimundi@gmail.com

Vilmar Antonio Gonçalves Tondolo

Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Doutorado em Administração pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

Telefone: (54) 3218-2011. E-mail: vtondolo@gmail.com

Artigo recebido em 25/07/2016. Revisado por pares em 15/08/2016. Reformulado em 13/12/2016. Recomendado para publicação em 14/12/2016. Publicado em 29/12/2016. Avaliado pelo Sistema *double blind review*.



RESUMO

O conhecimento científico fundamenta-se na lógica da investigação empírica. Assim, para maximização da validade da pesquisa, o uso de múltiplas fontes de evidências consiste em um princípio a ser respeitado. Neste sentido, este estudo objetivou identificar as técnicas de coleta de evidências utilizadas em pesquisas de estudo de caso qualitativo na área de Estudos Organizacionais, publicados no ENANPAD de 2005 a 2014. Realizou-se uma pesquisa quali-quantitativa, com finalidade exploratório-descritiva, por meio de análise bibliométrica. Os resultados obtidos demonstraram a predominância (88,24%) da entrevista como fonte de coleta de evidências nestes estudos, e adoção de uma única fonte de evidência (46,32%).

Palavras-chave: Estudos Organizacionais; Abordagem Qualitativa; Estudo de Caso.

ABSTRACT

Scientific knowledge is based on the empirical research logic. Therefore, to maximize the research validation, the use of multiple sources of evidence consists of a principle to be respected. Thus, this study aimed to identify the evidence collection techniques used in qualitative case study research in Organizational Studies, published in ENANPAD from 2005 to 2014. A qualitative and quantitative research were applied, with exploratory descriptive purpose, by bibliometrical analysis. The results showed the predominance (88.24%) of the interview as a source of collecting evidence in these studies and the adoption of an only source of evidence (46.32%).

Keywords: Organizational Studies; Qualitative Approach; Case Study.

RESUMEN

El conocimiento científico se fundamenta en la lógica de la investigación empírica. Así, para maximizar la validación de la investigación, el uso de múltiples fuentes de evidencias consiste en un principio a ser respetado. En este sentido, este estudio tuvo el objetivo de identificar las técnicas de colección de evidencias utilizadas en investigaciones de estudio de caso cualitativo en el área de Estudios Organizacionales publicados en el ENANPAD de 2005 hasta 2014. Fue realizada una investigación cualitativa y cuantitativa, con la finalidad exploratorio-descritiva, por medio del análisis bibliométrica. Los resultados obtenidos demostraron la predominancia (88,24%) de la entrevista como fuente de colección de evidencias en estos estudios, y la adopción de una única fuente de evidencia (46,32%).

Palabras clave: Estudios Organizacionales;. Abordaje Cualitativo; Estudio de Caso.

1 INTRODUÇÃO

A investigação empírica consiste em um procedimento sistemático e reflexivo que objetiva a aquisição do conhecimento por meio da descoberta de fatos e/ou leis (ANDEREGG, 1978; COLLINS; HUSSEY, 2005). Desse modo, a pesquisa científica fundamenta-se na lógica do método empírico (POPPER, 2003) por meio da intervenção cognitiva do pesquisador (VERGARA 2006).

A pesquisa científica possui universalidade, sendo desenvolvida em todas as áreas do conhecimento (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999; BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2000; DENZIN; LINCOLN; 2008). Todavia, no âmbito dos estudos organizacionais é impreterível uma distinção de perspectivas analíticas, possibilitando o estudo da diversidade de aspectos referentes ao contexto organizacional (RODRIGUES FILHO, 1998).

Quanto à utilização de estudos de caso com abordagem qualitativa do problema, Merriam (2008) salienta que esta técnica demonstra que o investigador preocupa-se com os processos sociais que ocorrem em determinado contexto de uma forma mais intensa do que com a relação entre as variáveis. Para Godoy (2006, p. 121), o estudo de caso está “centrado em uma situação ou evento particular cuja importância vem do que ele revela sobre o fenômeno objeto de investigação”.

Entretanto, “parece existir pouca precisão no uso do termo ‘estudo de caso’, encontrado para designar uma ampla categoria de estudos” (GODOY, 2006, p. 115). Para Albuquerque, Andrade e Joia (2010), a utilização pouco ortodoxa do estudo de caso em comparação com outros métodos de pesquisa estimula o uso indevido deste conceito enquanto metodologia de investigação, comprometendo a cientificidade e rigor do método. De acordo com Schneider (2014), o estudo de caso configura-se como um método comumente utilizado por pesquisadores acadêmicos, cuja adoção tem sido percebida em ambientes característicos por apresentar histórico de abordagens quantitativas, por meio de *surveys*.

Segundo Yin (2015), existem quatro princípios básicos que norteiam a realização de um estudo de caso e acarretam a maximização da validade do construto e confiabilidade das

evidências, quais sejam: uso de múltiplas fontes de evidências, criação de um banco de dados, estabelecimento de encadeamento entre as evidências e cautela no uso de dados oriundos de fontes eletrônicas.

O Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ENANPAD), por sua vez, consiste no “evento nacional mais importante da área de Administração no país” (ALBUQUERQUE; ANDRADE; JOIA, 2010, p.2). Deste modo, tornou-se um *proxy* da produção acadêmica brasileira em Administração comumente utilizado, onde os programas de mestrado e doutorado exibem sua produção (ALBUQUERQUE; ANDRADE; JOIA, 2010). Assim, a questão norteadora da pesquisa consistiu a seguinte interrogativa: Quais as fontes de coleta de evidências utilizadas nos estudos de caso qualitativos publicados na área de Estudos Organizacionais no ENANPAD, de 2005 a 2014?

A escolha do ENANPAD justifica-se por se tratar do evento no qual as pesquisas de docentes e discentes de cursos de pós-graduação *stricto sensu* do país são divulgadas, de modo que possibilita a análise da relevância e qualidade das produções relacionadas à Administração (BERTERO; CALDAS; WOOD JR., 1999). Estudos anteriores, como de Martignago, Alperstedt e Cario (2013), Teixeira, Nascimento e Antonialli (2013) e Venâncio *et al.* (2014) são exemplos de utilização dos anais do ENANPAD como base de coleta para análise do tipo bibliométrica e de revisão sistemática.

Com vistas a isso, este estudo teve por objetivo identificar as fontes de coleta de evidências nos estudos de caso qualitativos publicados na área de Estudos Organizacionais no ENANPAD, de 2005 a 2014. Deste modo, a pesquisa fundamentou-se no primeiro princípio para a existência de estudos de caso, segundo Yin (2015). Ressalta-se que a adoção desta área temática justifica-se pelo fato de que, “na literatura nacional, o estudo de caso tem sido amplamente utilizado nos estudos organizacionais” (GODOY, 2006, p.116).

Para tanto, realizou-se uma pesquisa quali-quantitativa com finalidade exploratório-descritiva. A etapa qualitativa está relacionada à filtragem dos trabalhos publicados para compor o portfólio de artigos que atendiam aos critérios de inclusão, adotando, como

procedimento técnico, pesquisa documental e levantamento operacionalizado por meio de análise bibliométrica. Em seguida, a etapa quantitativa corresponde à análise dos dados coletados na fase qualitativa. Posteriormente, procedeu-se uma nova etapa qualitativa de análise dos dados coletados e, em seguida, estes foram contrastados com a teoria e com estudos anteriores.

Desta forma, além da introdução, este estudo é composto pelo referencial teórico, onde se abordaram os conceitos de metodologia de pesquisa científica em Estudos Organizacionais; abordagem qualitativa de pesquisa; estudo de caso; e as fontes de coleta de evidências. Posteriormente apresenta-se a metodologia utilizada, os procedimentos de coleta e análise de dados e, em seguida, a análise e discussão dos resultados. Por fim são expostas as considerações finais, onde estão contidas as limitações deste estudo e sugestões para pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

O conhecimento advindo da investigação científica é factual e contingente, cujas proposições e hipóteses possuem sua veracidade verificada por meio da experimentação (TRUJILLO, 1974). Para tanto, a pesquisa trata-se de um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento” (ANDER-EGG, 1978, p. 28).

Logo, pode-se afirmar que a pesquisa científica é uma busca contínua com a finalidade de definir um processo permanente e inacabado intrinsecamente, por meio de uma atividade de aproximação da realidade, combinando dados e teoria (MINAYO, 1982).

A cientificidade da pesquisa visa a estabelecer “generalizações, leis e teorias científicas que sirvam como premissas de argumentos lógicos, a partir dos quais possamos inferir a ocorrência de determinados fenômenos” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 67). Trata-se da resolução sistemática, metódica (COLLINS; HUSSEY, 2005) e formal (GIL, 2010) de um problema previamente estabelecido por meio da coleta de informações

pertinentes (BOOTH, COLOMB, WILLIAMS, 2000). Para tanto, utiliza-se de procedimentos científicos (GIL, 2010).

A pesquisa, portanto, “é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 155). As pesquisas científicas desenvolvem-se segundo o empirismo lógico ou positivismo (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999), cujas características referem-se à objetividade, experimentação, validade, determinismo (LAVILLE; DIONNE, 1999), sendo contingente, verificável, falível e aproximadamente exata (MARCONI; LAKATOS, 2004). Deste modo, por meio da aplicação de métodos sistemáticos, o investigador obtém, do contexto, indícios capazes de estruturarem conhecimento dotado de rigor científico (FACHIN, 2003). Assim, “a crença de que o conhecimento científico é seguro, válido e confiável está sustentada na sua justificabilidade” (KÖCHE, 2005, p.32).

Para Popper (2003, p.27), “a tarefa da lógica da pesquisa científica, ou da lógica do conhecimento, é [...] proporcionar uma análise lógica desse procedimento, ou seja, analisar o método das ciências empíricas”. O método científico consiste na intervenção do pesquisador, cuja atividade mental consciente realiza a tarefa cognitiva da teoria (VERGARA, 2006), tratando-se de “um processo dinâmico de avaliação e revisão” (RICHARDSON, 1999, p. 23). No entanto, “a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos” (MARCONI; LAKATOS, 2009, p. 83).

Sendo assim, a pesquisa não é considerada um tipo de ciência, mas um processo que a origina (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010). A pesquisa configura-se como a construção de conhecimento conforme exigências científicas e, dessa forma, deve atender aos critérios de originalidade, coerência, consistência e objetivação (SILVA; MENEZES, 2005).

No âmbito dos estudos organizacionais, segundo Rodrigues Filho (1998, p. 165), “podemos necessitar de uma variedade ampla de perspectivas analíticas que possa visualizar os diversos aspectos da vida organizacional”. Por sua vez, Morin (2001) afirma que a

complexidade da organização de ideias, nesse contexto, requer a adoção de metodologias flexíveis.

O prestígio atual da lógica e da epistemologia difundiu o critério de que é suficiente uma metodologia adequada para assegurar o êxito da investigação, reconhecendo o mérito do método em toda e qualquer pesquisa científica (VERA, 1980). Deste modo, a metodologia das pesquisas científicas pode ser classificada e definida conforme sua abordagem, finalidade e procedimentos técnicos empregados (GIL, 2010; VERGARA 2006).

2.2 PESQUISA DE ABORDAGEM QUALITATIVA

A história da pesquisa qualitativa antecede sua onda de interesse proveniente da década de 60, configurando-se como um método tradicional de investigação empírica (BRYMAN, 1988). A abordagem qualitativa permite ao pesquisador o estudo de edições, casos ou eventos em profundidade e de forma detalhada, de modo que a coleta de dados não é limitada por categorias predeterminadas de análise (PATTON, 1987).

A pesquisa qualitativa caracteriza-se pela “compreensão detalhada dos significados e características situacionais” (RICHARDSON, 1999, p. 90). Deste modo, as peculiaridades e especificidades deste método não devem ser pensadas de forma exclusiva, mas como forma de aproximação ao objeto de estudo (MARTINELLI, 1999).

Segundo Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1999), as investigações qualitativas objetivam a compreensão de uma realidade específica e ideográfica, de modo que os significados apenas são entendidos quando analisados em conjunto com seu contexto. Nesse sentido, justifica-se a relevância do conhecimento tácito, intuição, analogias e metáforas para o desenvolvimento deste tipo de pesquisa (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999), bem como da capacidade de improvisação (ALAMI; DESJEUX; GARABUAU-MOUSSAOUI, 2009).

Nessa mesma perspectiva, Gibbs (2009) reconhece a dificuldade de haver uma definição acerca do conceito de pesquisa qualitativa. Para Merriam (2002), a pesquisa qualitativa possui um conceito guarda-chuva, visto que abrange distintas formas de pesquisa

objetivando compreender um determinado fenômeno social, afastando-se o mínimo possível do ambiente natural no qual este está inserido. Todavia, Sale, Lohfeld e Brazil (2002) reconhecem que o enfoque qualitativo consiste nos processos e seus significados, cuja proximidade e compreensão da realidade social (GODOY, 2006) e a descrição do comportamento humano é impreterível (MARCONI; LAKATOS, 2004).

Segundo Chizzotti (2006, p. 48), “a evolução da pesquisa qualitativa está marcada por rupturas mais que por progressão cumulativa, abriga tensões teóricas subjacentes, cada vez mais inovadoras que a distanciam de teorias, práticas e estratégias únicas de pesquisa”. Quanto a isso, Densyn e Lincoln (2006) salientam a relevância da investigação qualitativa para o estudo da vida de grupos humanos. Trata-se, portanto, de uma abordagem de pesquisa complexa e dotada de interligação de termos, conceitos e premissas associadas à abordagem positivista, pós-positivista e fenomenológica (DENZIN; LINCOLN, 2008).

A pesquisa qualitativa caracteriza-se pela apropriabilidade de métodos e teorias, assim como pela diversidade dos participantes, reflexividade do pesquisador e a possibilidade de utilização de vários métodos (FLICK, 2004). Deste modo, a metodologia qualitativa “atravessa disciplinas, campos e temas”, e envolve o uso e coleta de uma variedade de materiais empíricos (DENSYN; LINCOLN, 2006, p. 16).

Realizando um paralelo entre a objetividade da pesquisa quantitativa com o caráter subjetivo da abordagem qualitativa, Muijs (2010) reconhece que tal discrepância pode proporcionar uma espécie de preconceito dos pesquisadores em relação à adoção da prática qualitativa. Todavia, Jindal, Singh e Pandya (2015) salientam que, apesar de a pesquisa quantitativa ser capaz de explicar relações de causa e efeito, apenas a investigação qualitativa consegue esclarecer questões *como e por que*.

2.3 ESTUDO DE CASO

Estudo de caso consiste em uma estratégia de pesquisa que possibilita, ao pesquisador, “considerar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (YIN, 2015, p. 2) como por exemplo, processos organizacionais e gerenciais (KOHLBACHER, 2006). Contudo, a adoção desse tipo de procedimento considera três

condições básicas, que se referem ao problema de pesquisa, ao controle do pesquisador sobre os eventos, e o grau de enfoque em acontecimentos históricos (YIN, 2015).

Segundo Hartley (2004, p. 323), o estudo de caso objetiva “fornecer uma análise do contexto e processos que iluminam as questões teóricas que estão sendo estudadas” e, desse modo, trata-se de uma atividade heterogênea. Já Collis e Hussey (2005) consideram estudo de caso como uma metodologia compreendida no paradigma fenomenológico das ciências sociais, uma vez que tende a produzir dados qualitativos, tratando da realidade como uma projeção da mente humana.

Indo mais além, Cooper e Schindler (2011) corroboram, afirmando que o estudo de caso fundamenta-se na busca por perspectivas múltiplas de um mesmo fenômeno ou objeto em determinado ponto no tempo ou, ainda, por um determinado período de tempo. Em razão desta característica, o estudo de caso representa a estratégia preferida pelos pesquisadores para responder questões do tipo *como* e *por que*, e quando há pouco controle dos eventos no contexto onde o fenômeno ocorre (YIN, 2015).

No que tange às críticas à adoção do estudo de caso como procedimento técnico, Yin (2015) aponta que o senso comum considera fácil a execução de um estudo de caso, o que, não sendo verdade, causa uma parcela de reprovação por parte da comunidade científica. No que diz respeito ao planejamento de um estudo de caso, Platt (1992, p.46) considera que a adoção de uma estratégia é fundamental, e deve “ser priorizada quando as circunstâncias e os problemas de pesquisa são apropriados, em vez de um comprometimento ideológico que deve ser seguido não importando quais sejam as circunstâncias”. Desta forma, o estudo de caso como estratégia de pesquisa compreende um método que abrange amplo escopo, desde a lógica de planejamento, incorporando abordagens específicas, à coleta e à análise de dados (YIN, 2015), fundamentando-se na lógica da replicação (EISENHARDT; GRAEBNER, 1989).

Quanto ao espectro de abrangência de um estudo de caso, este se caracteriza como único, quando a pesquisa limita-se a uma única unidade de análise do fenômeno; ou múltiplo, quando a abordagem considera mais de uma unidade (FACHIN, 2003, COLLIS;

HUSSEY, 2005; CHIZZOTTI, 2006; YIN, 2015). É indicado o uso de estudo de caso único apenas em determinadas circunstâncias como, por exemplo, a corroboração de uma teoria, a oportunidade de investigar um fenômeno raro, para o qual não existe paralelo de comparação, ou quando o caso possibilitar o acesso a informações potencialmente restritas (DENZIN; LINCOLN, 1994; GODOY, 2006; YIN, 2015).

Um estudo de caso pode, também, ser desenvolvido a partir da conjugação de múltiplos casos, sendo empregado, por exemplo, para a análise do impacto de um fenômeno em diferentes áreas de uma empresa, onde cada área é tratada como um único caso ou, ainda, para a comparação de estratégias entre firmas de uma mesma indústria (CESAR, 2005). Para a realização de um estudo de casos múltiplos deve-se atentar ao critério de amostragem e ao número de casos (MILES; HUBERMAN, 1994). Quanto à amostragem na pesquisa qualitativa, podem-se adotar critérios previamente definidos ou, ainda, a flexibilidade com foco nas necessidades que aparecerão durante a realização da pesquisa (FLICK, 2004). Porém, no que tange ao número de casos abordados, deve-se observar o impacto quanto às replicações teóricas necessárias ao estudo, isto é, o quanto se quer ter de certeza a respeito dos resultados (CESAR, 2005).

Para Glaser e Strauss (1967), o processo de amostragem de estudo de caso deve adotar o critério de saturação teórica. Há que se levar em consideração, quando da adoção de casos múltiplos, a necessidade de critérios de escolha que compreendam um universo suficientemente amplo de casos. Desse modo, possibilita analisar as fronteiras do fenômeno, ampliando o entendimento do pesquisador (MILES; HUBERMAN, 1994; YIN, 2015).

No que se refere à generalização dos resultados obtidos em um estudo de caso, Mayring (2002) afirma que necessitam de um embasamento explícito, apresentando quais generalizações seriam possíveis para a circunstância apresentada. Por sua vez, Godoy (2006) salienta que a qualidade dos estudos de caso relaciona-se, além da capacidade de generalização e replicação da pesquisa, também com fidedignidade e validade do estudo.

Segundo Yin (2015), o estudo de caso é fundamentado em quatro princípios básicos que maximizarão a validade do construto e confiabilidade das evidências, quais sejam: uso

de múltiplas fontes de evidências, criação de um banco de dados, estabelecimento de encadeamento entre as evidências e cautela no uso de dados oriundos de fontes eletrônicas.

Esta pesquisa abordou o primeiro princípio para a existência de estudo de caso, visando a identificar as fontes de evidência comumente utilizadas nesse tipo de pesquisa em Estudos Organizacionais. Quanto à utilização de estudos de caso em organizações, é necessário que o pesquisador atente para a imprescindibilidade em conhecer a história, estrutura e funcionamento do objeto de estudo, para que, deste modo, opte pelas fontes de evidências que melhor se alinhem ao seu problema de pesquisa (GODOY, 2006).

2.4 FONTES DE EVIDÊNCIAS

O estudo qualitativo fixa-se nos significados das relações humanas a partir de diferentes pontos de vista, e pesquisadores sentem-se confortáveis com significados múltiplos, respeitando a intuição e sensibilidade ao contexto do objeto ou fenômeno estudado (STAKE, 2011).

Nesse contexto, Yin (2015) aborda seis fontes de evidências comumente utilizadas nos estudos de caso, quais sejam: entrevista, observação não participante, observação participante, documentos, registro em arquivos e artefatos físicos. Enfatiza que a triangulação entre estas eleva a confiabilidade da pesquisa, visto que permite várias avaliações de um mesmo fenômeno ou objeto (YIN, 2015).

Segundo Richardson (1999, p. 208), o termo *entrevista* está relacionado ao “ato de perceber realizado entre duas pessoas”. Trata-se de uma das técnicas de coleta de dados comumente encontradas em pesquisas (YIN, 2015), associada ao positivismo e fenomenologia (COLLIS; HUSSEY, 2005). Nessa perspectiva, Godoi e Mattos (2006, p. 302) consideram a entrevista como “evento de intercâmbio dialógico, que pode promover reformulação metodológica capaz de enriquecer a prática de pesquisa e construir novas situações de conhecimento”.

O objetivo da entrevista consiste na “obtenção de informações do entrevistado sobre determinado assunto ou problema” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 179). No que se

refere a estudos de caso, Yin (2015) destaca que as entrevistas predominam como fonte de evidências, justamente devido aos assuntos humanos e eventos comportamentais abordados nesse tipo de pesquisa.

Para Cooper e Schindler (2011), as entrevistas distinguem-se quanto a sua estrutura, número de participantes e nível de proximidade entre entrevistador e entrevistado. Deste modo, quanto à estruturação, as entrevistas caracterizam-se como não estruturada, semiestruturada e estruturada (RICHARDSON, 1999; COLLINS; HUSSEY, 2005; FLICK, 2009; COOPER; SCHINDLER, 2011).

As entrevistas não estruturadas em profundidade (RICHARDSON, 1999) ou despadronizadas (MARCONI; LAKATOS, 2010) são aquelas em que não há definição prévia da questão de pesquisa e/ou do ordenamento dos tópicos de discussão (COOPER; SCHINDLER, 2011). Por meio de um diálogo orientado, este tipo de entrevista objetiva obter detalhes que possibilitem uma análise qualitativa (RICHARDSON, 1999).

Para Cooper e Schindler (2011), a entrevista não estruturada é recomendada como uma técnica exploratória de coleta de evidências, possibilitando ao pesquisador ampliar seu conhecimento acerca de determinado fenômeno ou objeto de estudo. Geralmente é utilizada como técnica de coleta de dados inicial na realização de uma entrevista focalizada, servindo como uma espécie de estímulo ao início da narrativa (FLICK, 2009).

Por sua vez, a entrevista semiestruturada ou semi padronizada (FLICK, 2009) ocorre quando o pesquisador inicia sua investigação por meio de um roteiro de perguntas previamente definido e, no decorrer da entrevista, pode inserir novas interrogativas quando (e se) julgar pertinente (COLLIS; SCHINDLER, 2011). Esse tipo de entrevista, ao mesmo tempo em que estabelece os limites dos questionamentos, propicia prováveis esclarecimentos, assim como o aprofundamento de algumas questões, instigando o entrevistado a respondê-las e, de certo modo, permitindo que a curiosidade científica do entrevistador seja inserida nos questionamentos (STAKE, 2011).

A entrevista estruturada ou padronizada (MARCONI; LAKATOS, 2010) consiste na realização de perguntas previamente estruturadas ou fechadas, assemelhando-se a *surveys*

de pesquisas quantitativas (COLLIS; HUSSEY, 2005). Cooper e Schindler (2011) ressaltam que, nesse tipo de entrevista, o roteiro direciona, inclusive, a maneira padronizada como as perguntas devem ser realizadas.

Deste modo, o pesquisador não possui liberdade para adaptar, alterar ou inserir questionamentos, configurando-se como a forma mais rápida de coleta de dados em entrevistas (MARCONI; LAKATOS, 2010). Sua aplicação por telefone tende a ser comumente mais utilizada do que em relação aos demais tipos de entrevistas (COLLIS; SCHINDLER, 2011).

As entrevistas não estruturadas e semiestruturadas predominam nas ciências sociais (FLICK, 2009). Elas se diferenciam das entrevistas estruturadas principalmente no que se refere à possibilidade de realização de perguntas mais complexas e de seguimento, assim como ao esclarecimento destas quando necessário (COLLIS; HUSSEY, 2005). No entanto exigem, do entrevistador, mais criatividade e habilidade para a obtenção de dados e clareza nas respostas, requerem um dispêndio mais elevado de tempo em comparação com as entrevistas não estruturadas (COOPER; SCHINDLER, 2011).

Quando os fenômenos de interesse não são puramente históricos, abre-se a oportunidade de o pesquisador presenciar eventos sociais ou ambientais, o que se denomina observação direta ou não participante (YIN, 2015). Segundo Marconi e Lakatos (2004, p. 276), nesse tipo de coleta de evidências, “o pesquisador entra em contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, sem integrar-se a ela”, visto que ocorre no ambiente natural do caso (YIN, 2015).

Segundo Flick (2009), a observação não participante é um procedimento sistemático caracterizado pelo fato de não haver envolvimento do pesquisador com o contexto ou fenômeno estudado, visto que este apenas age como espectador. Com frequência, a observação sistemática é utilizada em pesquisas que têm como objetivo a descrição precisa dos fenômenos ou testes de hipóteses. A este propósito, comumente o pesquisador elabora um plano de observação a fim de maximizar a eficiência da pesquisa (GIL, 2010).

A observação participante consiste em uma modalidade especial de coleta de evidências, onde o pesquisador faz parte da amostra. Ocorre quando o pesquisador faz a

pesquisa em seu ambiente natural como, por exemplo, no próprio bairro onde vive, tornando-se parte da amostra (YIN, 2015).

De acordo com Richardson (1999), na observação participante, o observador não é mero espectador dos fatos, visto que se coloca ao nível dos outros elementos humanos que fazem parte da amostra. Tal fato proporciona condições necessárias para que o cientista tenha sensibilidade de perceber hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características da vida diária de uma comunidade (STAKE, 2011).

A observação participante possibilita, ao pesquisador, ter acesso a documentos e outras fontes de evidências que dificilmente uma pessoa estranha teria, assim como o fato de manipular eventos, como marcar reuniões, se for o caso da pesquisa ocorrer no ambiente de trabalho do pesquisador. Entretanto, esta técnica de coleta de evidências pode dificultar a imparcialidade do pesquisador no ambiente de pesquisa, falta de tempo para analisar os eventos em várias perspectivas (YIN, 2015), assim como a impossibilidade de observar todos os fenômenos nas situações (FLIK, 2009).

A fonte de evidências baseada em documentos pode ser encontrada pelo pesquisador na forma de cartas, memorandos, correspondências eletrônicas, documentos pessoais como diários, calendários e demais anotações (YIN, 2015). Esta modalidade de coleta de evidências fornece dados em quantidade e qualidade suficientes para evitar perda de tempo, assim como evita eventuais constrangimentos ao pesquisador, advindos da necessidade de obtenção de dados diretamente das pessoas.

São considerados documentos quaisquer escritos utilizados para esclarecer determinado acontecimento, valendo-se dos registros cursivos, persistentes e contínuos (GIL, 2010). “Os documentos desempenham um papel explícito em qualquer coleta de dados na realização dos estudos de caso” (YIN, 2015, p. 130).

Os registros em arquivo consistem em uma fonte de coleta de evidências que podem ser utilizadas em conjunto com outras técnicas de coleta de dados, e comumente assume a forma de registros computadorizados como, por exemplo, dados de censos. A maleabilidade

do registro em arquivos possibilita, ao pesquisador, a utilização em conjunto com outros métodos de pesquisa em um mesmo estudo de caso (YIN, 2015).

Os artefatos físicos consistem em uma fonte de evidências e podem ser coletados ou observados como parte do estudo de campo. Fornecem informações sobre o caso em estudo e assumem formas de ferramentas ou instrumentos de medição, obras de arte e outros objetos tangíveis (YIN, 2015). Por exemplo, “vasilhas, roupas, ferramentas, mobiliário, brinquedos, armas, etc.” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010, p. 440).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada caracteriza-se como exploratório-descritiva, visto que “descreve o comportamento dos fenômenos” (COLLIS; HUSSEY, 2005). Esse tipo de pesquisa possibilita, ao investigador, maximizar seu conhecimento acerca de determinado fenômeno ou problemática (TRIVIÑOS, 1990), visando à identificação de padrões (COLLIS; HUSSEY, 2005).

Quanto à abordagem do problema, é caracterizada como quali-quantitativa. A etapa qualitativa está relacionada à filtragem dos trabalhos publicados para compor o portfólio de artigos que atendiam aos critérios de inclusão, adotando, como procedimento técnico, pesquisa documental e levantamento operacionalizado por meio de análise bibliométrica. Posteriormente, a etapa quantitativa corresponde à análise dos dados coletados na fase qualitativa. Deste modo, por meio da classificação das fontes, possibilita a realização de um julgamento qualitativo complementado por estudo estatístico comparativo (FONSECA, 1986).

Realizou-se uma segunda etapa qualitativa onde, por meio de análise dos artigos elencados na fase quantitativa, verificaram-se as fontes de coleta de evidências utilizadas. Posteriormente, os resultados obtidos foram contrastados com a teoria e demais estudos realizados.

Considerou-se como população de estudo os artigos apresentados no Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Administração (ENANPAD) enquadrados na área temática intitulada *Estudos Organizacionais*. O período

compreendido pela pesquisa refere-se às publicações ocorridas entre os anos de 2005 e 2014. Adotou-se, como filtro de busca, a 1ª Lei da Bibliometria (Lei de Zipf), que consiste na ocorrência de palavras (BUFREM; PRATES, 2005), considerando a existência de *estudo de caso* - e sua tradução para os idiomas inglês e espanhol - no título e/ou resumo.

Os dados foram obtidos por meio de consulta eletrônica ao site da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Administração (ANPAD), onde foram localizados os trabalhos por ano e posterior seleção da área temática. Em seguida, unitariamente, foi realizado o *download* dos arquivos. Deste modo, totalizaram-se 1.066 (um mil e sessenta e seis) artigos publicados na área temática de Estudos Organizacionais no ENANPAD, de 2005 até 2014. Destes, 160 (cento e sessenta) contém *estudo de caso* no título e/ou resumo.

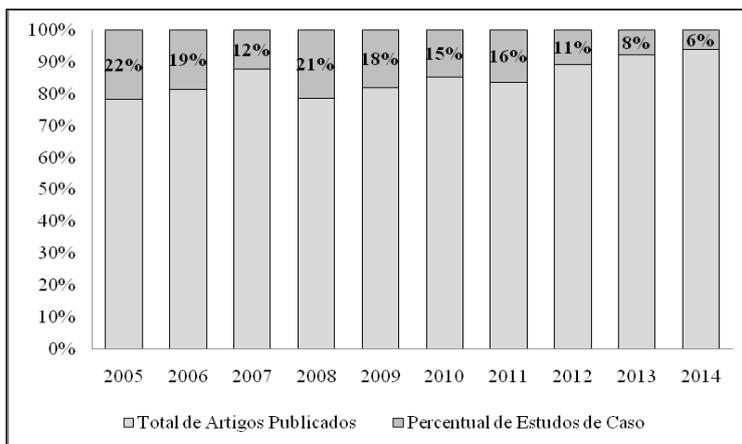
A partir disto, realizou-se a leitura da metodologia dos artigos que atendiam ao critério inicial, agrupando-os conforme sua abordagem. Aqueles que possuíam uma abordagem quantitativa do problema foram desconsiderados, por não estarem contemplados pelo objetivo desta pesquisa. Desta forma, o estrato final de artigos para análise foi restrito a 136 documentos, os quais foram classificados, quando declarado, quanto ao tipo de estudo de caso realizado (único e múltiplo), e elencadas as técnicas de coleta de evidências cuja utilização foi declarada. Este processo foi executado por três pesquisadores, sendo, então, realizada a revisão cega por outros dois, a fim de minimizar a influência particular de um único pesquisador.

Para compilação e análise dos dados, utilizou-se o *Software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 20. Por meio da utilização de estatísticas descritivas simples, realizou-se a contagem da frequência dos estudos de caso, considerando seu ano de publicação, abordagem, tipologia (único ou múltiplo) e técnica de coleta de evidências declaradas. Posteriormente, estes dados foram estruturados sob a forma de gráficos e tabelas de referência cruzada. Por fim, tais resultados foram contrastados com a teoria, a fim de identificar algum padrão ou justificativa para sua incidência.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dentre os 160 trabalhos identificados como estudos de caso apresentam-se, na Figura 1, abaixo, a frequência percentual destes sobre o total de publicações anuais. Percebe-se que, desde 2009, à exceção de 2011, houve constante redução da participação de estudos de caso no total de artigos publicados no evento, na área em questão.

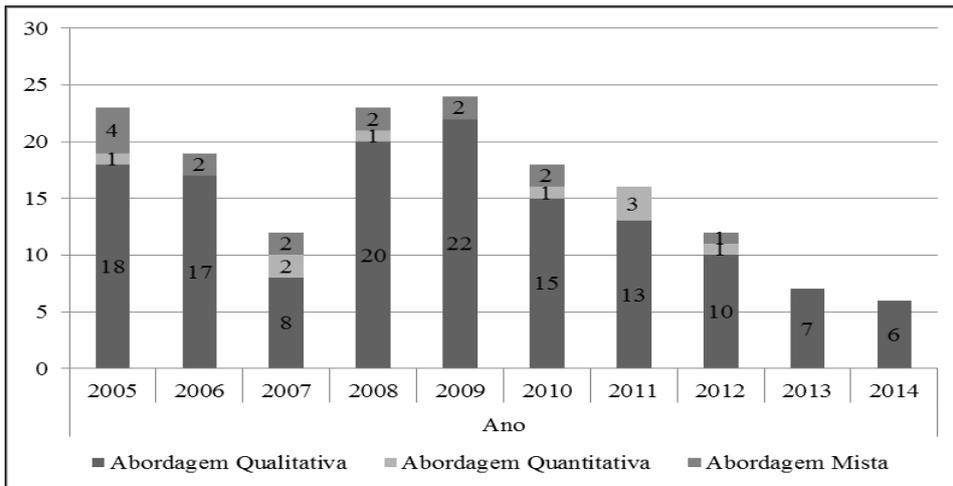
Figura 1- Frequência percentual de publicação de estudos de caso no ENANPAD de 2005 a 2014 sobre o total de publicação anual



Fonte: Resultados da Pesquisa (2015).

Do total dos estudos de caso realizados nesse período, 136 (85%) adotaram abordagem qualitativa do problema, 15 (9,4%) foram mistos, e apenas 9 (5,6%) foram quantitativos. Estes resultados indicam a predominância da abordagem qualitativa do problema nos estudos de caso em pesquisas organizacionais, indo ao encontro do que é atestado por Godoy (2006, p.143) sobre a “pertinência e relevância dessa modalidade de investigação para o avanço do conhecimento científico na área de Administração”. A Figura 2 ilustra a frequência de estudos de caso conforme a abordagem do problema ao longo do período estudado.

Figura 2 - Frequência de publicação de estudos de caso no ENANPAD de 2005 a 2014 por abordagem do problema



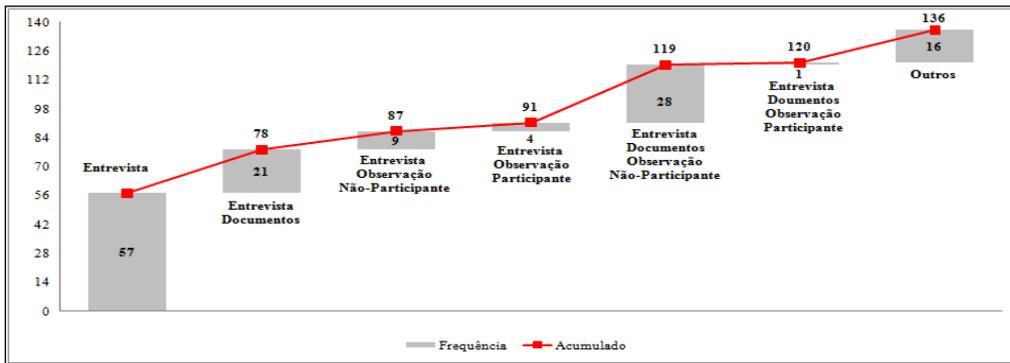
Fonte: Resultados da Pesquisa (2015).

Uma vez que este estudo busca a identificação das técnicas de coleta de evidências adotadas em estudos de caso qualitativos, a análise dos resultados limita-se a este estrato da amostra. Tratando-se da tipologia dos estudos de caso qualitativos (único e múltiplo), os resultados demonstram que 112 (70%) são únicos e 24 (30%) múltiplos. Dentre os 112 casos únicos, 2 (1,8%) apontaram a utilização de mais de uma unidade de análise.

Entre os estudos de casos qualitativos considerados, pode-se identificar que a entrevista consiste na técnica de coleta de evidências mais empregada, aparecendo em 120 dos casos (88,24%), dentre os quais, para 57 (41,9%) deles, é a única técnica adotada. Esta constatação vai ao encontro com o observado por Broilo *et al.* (2015), cuja pesquisa demonstrou a predominância da adoção de entrevistas (54,7%) como fonte de coleta de evidências na etapa qualitativa também de estudos de abordagens mistas.

Esta situação corrobora como que é definido por Yin (2015, p.131), de que “uma das fontes mais importantes de informação para o estudo de caso é a entrevista”. A Figura 3 ilustra o consolidado das principais técnicas adotadas, apresentando o uso de entrevista associada a mais uma técnica de coleta em 34 casos (25%), e associada a outras duas técnicas de coletas em 29 casos (21,3%).

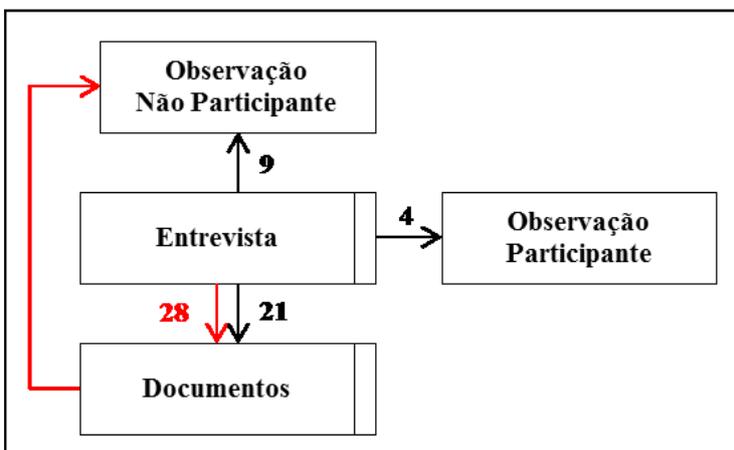
Figura 3 - Frequência de utilização de entrevistas como técnica de coleta de evidências em estudos de caso qualitativos publicados no ENANPAD de 2005 a 2014



Fonte: Resultados da Pesquisa (2015).

A principal técnica empregada em conjunto com entrevistas foi o uso de documentos, em 50 casos (36,8%). Além disso, o uso de documentos e observação participante foram adotados, cada um, em três casos (2,2%) como técnica única. A Figura 4 ilustra as relações da entrevista com as mais frequentes técnicas de coleta adotadas. Evidencia-se que, à parte de entrevista como técnica única, o uso associado desta com documentos e observação não participante foi a técnica adotada em 28 casos (20,6%), representada pelas setas em cor vermelha.

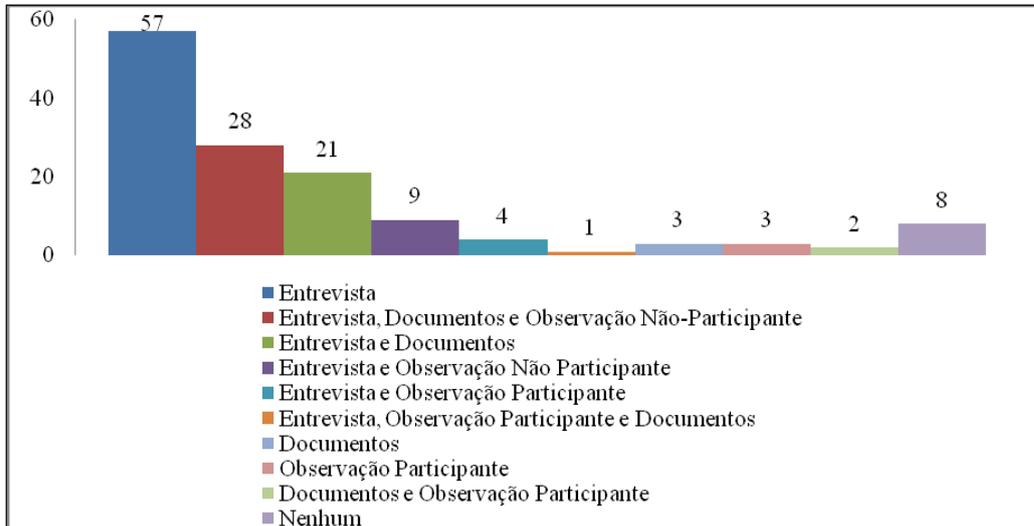
Figura 4 - Mapa de relações das técnicas de coleta de evidências frequentemente empregadas



Fonte: Resultados da Pesquisa (2015).

A Figura 5 apresenta a frequência de cada técnica de coleta de evidências, do total dos 136 estudos de caso qualitativos considerados nesta análise. Observa-se, que dentre as demais técnicas adotadas, pode-se identificar o uso de observação participante, não participante e documentos.

Figura 5 - Frequência de utilização das técnicas de coleta de evidências em estudos de caso qualitativos publicados no ENANPAD de 2005 a 2014



Fonte: Resultados da Pesquisa (2015).

Percebe-se que, em 8 casos (5,88%), os autores afirmam terem desenvolvido um estudo de caso, todavia não mencionam a técnica de coleta de evidências utilizada. A adoção de uma única fonte de evidência, correspondendo a 63 casos (46,32%), é advinda da forma isolada com que os métodos de pesquisa foram concebidos, assim como da falta de conhecimento e habilidade de utilização do pesquisador em relação às peculiaridades de cada tipo de coleta das evidências (COLLIS; HUSSEY, 2005; YIN, 2015).

No que se refere à possibilidade de triangulação de fontes de evidências, que segundo Yin (2015) permite o desenvolvimento de linhas convergentes de investigação e maximiza a confiabilidade dos achados empíricos, poderia ter sido realizada apenas nos estudos que adotaram três fontes de evidências, correspondendo a 29 casos (21,32%).

A existência de artigos que não mencionaram as fontes de evidências utilizadas vai ao encontro com o constatado por Mota *et al.* (2010) que, por meio de análise bibliométrica, verificaram que a área de Estudos Organizacionais do ENANPAD, considerando um período de 2005 a 2008, publicou trabalhos que não possuíam fundamentação teórica.

Independentemente da técnica de coleta empregada, há de se observar que os dados de campo devem ser obtidos em profundidade, possibilitando caracterizar e explicar

Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, Florianópolis, v.9, n.3, set./dez. 2016.

aspectos singulares de um determinado caso em estudo e, também, apontar similaridades e padrões de recorrência, a fim de gerar subsídios de comparação com outros casos estudados (CHIZZOTTI, 2006). Neste sentido, Pozzebon e Freitas (1998) destacam que a análise adequada dos dados obtidos em um estudo de caso é condicionada à capacidade de integração do pesquisador, bem como à seleção do local estudado e dos métodos empregados. Os autores salientam, também, a relevância da sua capacidade de realizar alterações no *desenho* da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento científico fundamenta-se na lógica da investigação empírica, de modo que o rigor e sistemática configuram-se como os elementos que asseguram confiabilidade a esse processo. Dentre os métodos de pesquisa, a abordagem qualitativa do problema consiste naquele que possibilita a compreensão dos fenômenos ou objetos, mantendo uma proximidade com a realidade social, de modo que é impreterível a descrição do comportamento humano.

Dessa forma, o estudo de caso caracteriza-se por possibilitar a investigação de um fenômeno considerando sua inserção em determinado contexto, consistindo em um procedimento de pesquisa comumente utilizado em estudos organizacionais. Todavia, a imprecisão no uso de estudos de caso, em comparação com os demais métodos de pesquisa, compromete sua cientificidade e rigor. Entretanto, para a maximização da validade do construto, existem princípios que norteiam a realização de estudos de caso. Dentre estes há o uso de múltiplas fontes de evidências.

Com vistas a isso, este estudo teve por objetivo identificar as técnicas de coleta de evidências utilizadas em pesquisas de estudo de caso qualitativo na área de Estudos Organizacionais, publicados no ENANPAD de 2005 a 2014. A pesquisa realizada permitiu identificar a predominância (88,24%) da entrevista como fonte de coleta de evidências em estudos de caso qualitativos, assim como a adoção de única fonte de evidência (46,32%), o que, conforme a literatura, compromete a confiabilidade dos achados empíricos. Tal constatação ressalta a necessidade de ampliação do uso de evidências em estudos de caso,

possibilitando mais robustez a este tipo de estudos, tão empregados na área da gestão de forma geral.

Constatou-se, também, que o estudo de caso qualitativo consistiu na estratégia de pesquisa adotada por 12,73% dos artigos publicados na área de Estudos Organizacionais do ENANPAD no período considerado. Este resultado pode ser justificado pela popularização dos ensaios teóricos nos últimos anos, refletindo na minimização do percentual de produção de estudos de caso a partir de 2011.

Há consonância no senso comum sobre a aparente facilidade na consecução de um estudo de caso. Pode-se inferir que a possibilidade de coleta de dados unicamente através de entrevistas seja um dos fatores que influenciam neste aspecto. A entrevista, em contrapartida a outras técnicas de coleta, apresenta características que privilegiam sua aplicação por conveniência. Ademais, a entrevista pode sofrer viés interpretativo por parte do pesquisador, tornando difícil atender aos critérios de replicabilidade necessários à pesquisa científica. Desta forma, o uso continuado de entrevistas como técnica única de coleta de evidências pode, em última instância, limitar a validade de estudos de caso como estratégia de pesquisa.

Sendo assim, este estudo permitiu identificar as fontes de coleta de evidências comumente empregadas nos estudos de caso qualitativos na área de estudos organizacionais, assim como verificar a cientificidade dos pesquisadores quanto à utilização de tal estratégia de investigação empírica. Nesse sentido, constatou-se que a aplicação de tal metodologia de pesquisa ainda carece de rigor metodológico, haja vista que a adoção de uma única fonte de evidências impossibilita a triangulação e não proporciona a devida veracidade aos construtos e confiabilidade aos resultados obtidos.

Cabe destacar que as pesquisas qualitativas de estudo de caso são consideradas como dotadas de menor rigor científico, o que, de certa forma, promove certo pré-conceito em relação a tal abordagem. Verificou-se que a descrição incompleta das técnicas de coleta de evidências nesses estudos contribui para tal situação. O emprego de uma quantidade, passível de ser julgada insuficiente, em se tratando de fontes de evidências, impossibilita a

triangulação e, deste modo, compromete o processo de validação e confiabilidade da pesquisa qualitativa, tal como alerta Flick (2009).

Reconhecem-se as limitações deste estudo quanto a não especificação dos tipos de entrevistas realizadas (estruturada, semiestruturada e não estruturada), assim como da não verificação da existência de triangulação de fontes de evidências nos estudos de caso qualitativos. Salienta-se, também, o fato de não ter sido realizada verificação das técnicas de análise dos dados coletados. Verifica-se, ainda, a impossibilidade de generalização dos resultados. No entanto, esta pesquisa apresenta um retrato da forma de utilização dos estudos de caso na área dos estudos organizacionais.

Para estudos futuros, recomenda-se a replicação desta pesquisa em outras áreas temáticas do ENANPAD, considerando o mesmo período de publicações, a fim de realizar a comparação entre a incidência de fontes de evidências em estudos de casos qualitativos. Sugere-se, também, o aprofundamento deste estudo, verificando a existência de triangulação entre as fontes de coleta de evidências. Além disso, recomenda-se a utilização de mais de uma fonte de coleta de evidências quando o pesquisador optar pela estratégia do estudo de caso qualitativo, possibilitando, desta forma, a realização de triangulação, maximizando a validade do construto e veracidade dos resultados obtidos.

REFERÊNCIAS

ALAMI, S.; DESJEUX, D.; GARABUAU-MOUSSAOUI, I. **Les méthodes qualitatives**. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

ALBUQUERQUE, C.; ANDRADE, A.; JOIA, L. **Estudos de caso em Administração da Informação: uma década de história a partir dos anais do ENANPAD**. In: Anais do XXXIV ENANPAD. Rio de Janeiro, 2010.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**, 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

ANDER-EGG, E. **Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales**, 7 ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.

BERTERO, C. O.; CALDAS, M. P.; WOOD JR., T. Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 3, n. 1, p. 147-178, 1999.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BROILO, P. L.; SILVA, R. G. S.; FRIO, R. S.; OLEA, P. M.; NODARI, C. H. Abordagens mistas na pesquisa em administração: uma análise bibliométrica do uso de multimétodos no Brasil. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 16, n.1, p. 9 -39, 2015.

BRYMAN, A. **Quantity and quality in social research**. London: Routledge, 1988.

BUFREM. L.; PRATES, Y. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 9-25, 2005.

CESAR, A. M. R. V. C. Método do Estudo de Caso (Case studies) ou Método do Caso (Teaching Cases)? Uma análise dos dois métodos no Ensino e Pesquisa em Administração. **Revista Eletrônica Mackenzie de Casos**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 1, 2005.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 10. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

DENSYN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. São Paulo: Artmed, 2006.

DENSYN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publication, 1994.

DENSYN, N. K.; LINCOLN, Y. S.. **Collecting and interpreting qualitative materials**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2008.

EISENHARDT, K. M.; GRAEBNER, M. E. Buinding theories from case study research. **Academy of Management Review**, v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, E. N. **Bibliometria: teoria e prática**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1986.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, Florianópolis, v.9, n.3, set./dez. 2016.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The Discovery of grounded theory**. Chicago: Aldine, 1967.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. In: SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

HARTLEY, J. Case study research. In: Catherine Cassel e Gilian Symon (Eds.), **Essential guide to qualitative methods in organizational research**. London: Sage, 2004.

JINDAL, B. A. K.; SINGH, M. G.; PANDYA, M. K. Qualitative research in medicine – an art to be nurtured. **Medical Journal Armed Forces India**, v. 71, p. 369-372, 2015.

KAUARK, F.S.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KÖCHE, J. C. **Pesquisa científica: critérios epistemológicos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

KOHLBACHER, F. The use of qualitative content analysis in case study research. **Qualitative Social Research**, v. 7, n. 1, 2006.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTIGNAGO, G.; ALPERSTEDT, G. D.; CARIO, S. A. F. Pesquisa em gestão internacional no Brasil entre 2001 e 2010: um estudo a partir dos anais do ENANPAD. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 6, n. 2, p. 215-243, 2013.

MARTINELLI, M. L. (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.

MAYRING, P. **Einführung in die qualitative sozial forschung**. 5 ed. Weinheim: Beltz, 2002.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. San Francisco: Allyn and Bacon, 2008.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis**. Thousand Oaks: Sage

Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, Florianópolis, v.9, n.3, set./dez. 2016.

Publications, Inc. 1994.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1982.

MORIN, E. **O método IV: as ideias, habitat, vida, costumes, organização**. São Paulo: Sulina, 2001.

MOTA, F. P. B.; BECK, C. G.; PEREIRA, R. C. F.; LIMA, T. A. P.; VALE, S. C. A Utilização de teorias em estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. **Administração: Ensino e Pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 447-467, 2010.

MUIJS D. **Doing quantitative research in education with SPSS**. Sage: 2010.

PATTON, M. Q. **How to use qualitative methods in evaluation**. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1987.

PLATT, J. Case study in American methodological thought. **Current Sociology**, v. 40, p. 17- 48, 1992.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

POZZEBON, M.; FREITAS, H. M. R. Pela aplicabilidade: com um maior rigor científico dos estudos de caso em sistemas de informação. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 2, n. 2, p. 143-170, 1998.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES FILHO, J. Desenvolvimento de diferentes perspectivas teóricas para análise das organizações. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, n.4, p.163-175, 1998.

SALE, J. E. M.; LOHFELD, L. H.; BRAZIL, K. Revisiting the quantitative-qualitative debate: implications for mixed-methods research. **Quality & Quantity**, v. 36, p. 43-53, 2002.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. D. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Mc-Graw-Hill, 2010.

SCHNEIDER, L. C. O uso do método de estudo de caso em publicações do Journal of Operations Management – 2002 – 2012. **Brazilian Journal of Management e Innovation**, v.1, n.2, 2014.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4 ed. Florianópolis, 2005.

STAKE, S. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

TEIXEIRA, J. C.; NASCIMENTO, M. C. R.; ANTONIALLI, L. M. Perfil de estudos em

Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios, Florianópolis, v.9, n.3, set./dez. 2016.

Administração que utilizaram triangulação metodológica: uma análise dos anais do EnANPAD de 2007 a 2011. **Revista de Administração**, v. 48, n. 4, p. 800-812, 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1990.

TRUJILLO, F.A. **Metodologia da ciência**. 3 ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

VENÂNCIO, D. M.; MARTINS, C.; DUTRA, A.; STEINBACH, A. Análise da produção científica sobre gestão de pessoas nos anais do Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação Em Administração – (Enanpad) de 2001 a 2010. **Revista de Administração da Unimep**, v. 12, n. 2, p. 159-181, 2014.

VERA, A. **Metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre: Globo, 1980.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.